

“EU DE BOM GRADO ESCREVERIA APENAS PARA OS MORTOS”: SUCESSO E RECEPÇÃO EM BAUDELAIRE

GILLES JEAN ABES*

RESUMO

O presente artigo procura abordar os temas do sucesso e da recepção na obra de Charles Baudelaire. Trata-se, no que tange à recepção, da ótica do autor, de suas expectativas em relação à sua obra e ao leitor do século XIX. Sobre o sucesso, o meu ponto de partida é o ensaio de Maurice Blanchot “L'échec de Baudelaire” [O fracasso de Baudelaire], publicado no livro *La part du feu* (1949) [A parte do fogo]. Nesse sentido, o conceito “horizonte de expectativas”, do historiador alemão Reinhart Koselleck ([1979] 2006), ajuda-me a entrever possíveis veredas de pesquisa sobre a noção de sucesso a partir da correspondência – principalmente as cartas à mãe – e da obra do autor. A vida de Baudelaire foi um fracasso para quem? Para quem o poeta escreve? Quais são suas expectativas e apreensões para com sua obra? Afinal, o que é o sucesso? Assim, o que essa reflexão procura evidenciar são os debates em torno do que seria uma vida de sucesso e as expectativas do poeta em relação à sua obra, aos leitores e à perenidade de seu nome na literatura francesa.

PALAVRAS-CHAVE: Baudelaire; Sucesso; Recepção; Correspondência.

“J’ai pris de la boue et j’en ai fait de l’or.”
(Charles Baudelaire)

* Doutor pela Universidade Federal de Santa Catarina/ UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
E-mail: gillesufsc@gmail.com

INTRODUÇÃO

A vida do autor de *As flores do mal*, para Maurice Blanchot (2003), não é senão a história do seu fracasso¹. E, no entanto, essa vida seria também um sucesso absoluto que não se acrescenta ao fracasso, mas nele encontra sua razão de ser. É, aliás, uma discussão, em outros termos, presente nas cartas de Charles Baudelaire para sua mãe. É um debate que está no centro dos conflitos entre o poeta e sua família, perfeita amostra da burguesia francesa do século XIX. É também o embate do artista *singular* com seus leitores.

Assim, neste trabalho, procuro abordar os temas do *sucesso* e da *recepção* na obra de Charles Baudelaire. Em primeiro lugar, iniciarei minha reflexão com a questão do sucesso tomando como ponto de partida o ensaio de Maurice Blanchot – “L'échec de Baudelaire” [O fracasso de Baudelaire] – publicado no livro *La part du feu* ([1949] 2003) [*A parte do fogo*], ensaio que tem como base o *Baudelaire* de Jean-Paul Sartre. Blanchot dá continuidade à reflexão de Sartre para quem a vida do autor de *As flores do mal* não é senão a história do seu fracasso, mas estabelece, numa inversão de valores, que a obra encontra sua razão de ser nesse fracasso, glorifica-o, torna incrivelmente fecunda a impotência, tira a verdade mais resplandecente de uma impostura fundamental. O fracasso da vida fecundaria o sucesso da obra, ou melhor, a poesia de Baudelaire teria como fonte a impotência e a matéria da vida fracassada. Mas o que se entende por sucesso e fracasso? A partir de quais valores pode-se afirmar tal fracasso ou sucesso? Em seguida, procurarei abordar a questão da recepção, notadamente na perspectiva da relação contraditória do poeta com os leitores. Trata-se da ótica do autor, de suas expectativas em relação ao texto e ao leitor do século XIX. Para quem escreve Baudelaire? Quais são suas expectativas e apreensões para com sua obra? Nesse sentido, o conceito “horizonte de expectativas”, do historiador alemão Reinhart Koselleck ([1979] 2006), ajuda-me a entrever possíveis veredas de pesquisa a partir sobretudo da correspondência do autor, mas também de

¹ As traduções da correspondência de Baudelaire, em boa parte inédita, e do texto de Blanchot, são de minha autoria. A referência indicada é do original em francês com fonte em duas obras (1973 e 2003).

sua obra, notadamente os poemas em prosa e os *Paraísos artificiais*. Assim, o que essa reflexão procura evidenciar são as expectativas e debates do poeta em relação aos seus valores, à sua obra, aos leitores, e à perenidade de seu nome na literatura francesa.

O SUCESSO DE UMA VIDA

Blanchot redige “O fracasso de Baudelaire” a partir da leitura crítica do longo prefácio que Jean-Paul Sartre escreveu para os *Écrits intimes* de Baudelaire, publicado pela Éditions du Point du Jour, em 1946. Já em 1947, o texto sartriano, pautado em sua psicanálise existencialista, passa a circular pela Gallimard, em formato de livro, com o título *Baudelaire*.

Em seu ensaio, Blanchot confirma a interpretação de Sartre, que qualifica como “demonstração muito impressionante” (p. 133) e acredita haver poucas reservas a se fazer contra os seus julgamentos. A lacuna que Blanchot (p. 133-134) explora, esquecida por Sartre, segundo ele, é que o poeta teria merecido suas *Flores* assim como mereceu seu infortúnio em uma vida que

[...] não é senão a história do seu fracasso. E, no entanto, essa vida é também um sucesso absoluto. Sucesso não fortuito, mas premeditado, e que não se acrescenta ao fracasso, e sim encontra sua razão de ser nesse fracasso, glorifica esse fracasso, torna incrivelmente fecunda a impotência, tira a verdade mais resplandecente de uma impostura fundamental.

Por que Baudelaire foi um grande poeta? De que maneira tal grandeza poética, talvez a maior, foi concebida por essa falta de grandeza, de eficiência, de verdade e, fato mais notável ainda, por essa falta na intenção criadora que levou o poeta a tanto comprometimento e abandono?²

² [...] n'est que l'histoire de son échec. Et cependant, cette vie est aussi une absolue réussite. Réussite non pas fortuite, mais préméditée, et qui ne se surajoute pas à l'échec, mais qui trouve sa raison d'être dans cet échec, qui glorifie cet échec, rend incroyablement féconde l'impuissance, tire la vérité la plus rayonnante d'une imposture fondamentale. Pourquoi Baudelaire a-t-il été un grand poète? Comment la grandeur poétique, qui est peut-être la plus grande, a-t-elle pu se faire avec ce défaut de grandeur, d'efficacité, de vérité et, fait plus remarquable encore, avec ce manque dans l'intention créatrice qui a conduit le poète à tant de compromis et d'abandon?

Como pode-se observar, a premissa que alicerça as leituras de Sartre e Blanchot é a afirmação do “fracasso da vida” do poeta. Mais do que isso. Ambos concordam em afirmar tratar-se de um fracasso perante sua própria vida, diante dele mesmo, já que expressou, em sua poesia, a consciência da liberdade – o sentimento do abismo – diante da qual teria recuado. Pois, segundo eles, foi conformista em suas revoltas, submeteu-se a humilhações como a tutela da família, orgulhou-se dos falsos elogios de Sainte-Beuve, desejou a glória de pertencer à Academia, ou ainda manteve o relacionamento conflituoso com Jeanne Duval, para citar alguns exemplos de submissão. Seria, portanto, um fracasso mais profundo. Chegam inclusive a citar a famosa anátema do *infortúnio* que Baudelaire atribui a Edgar Allan Poe, mas que, para os dois críticos, o poeta parisiense teria merecido. A diferença reside em que Sartre estabelece uma oposição entre “fracasso da vida” e “sucesso da obra”. Por sua vez, Blanchot aponta uma *relação* de constituição entre os dois elementos, ou seja, o sucesso da obra de Baudelaire não mais se opõe à sua vida fracassada, mas “encontra sua razão de ser nesse fracasso, glorifica esse fracasso, torna incrivelmente fecunda a impotência”, como vimos na citação supracitada. É como se a literatura viesse suplementar o homem quando este experimenta o fracasso.

Algumas perguntas despontam dessas leituras: O que Sartre e Blanchot entendem por liberdade poderia ser simplesmente aceita para um burguês, ainda que poeta, do século XIX? O que significa ter sucesso ou ser uma pessoa de sucesso um século antes dos dois críticos? Esta escolha pela liberdade não envolveria uma noção de individualidade, de aspiração individual que ainda não é tão exacerbada no século XIX? Não haveria aqui uma leitura anacrônica da vida de Baudelaire pautada em demasia na individualidade? Afinal, o que é ter sucesso?

Baudelaire poderia ter muito bem questionado seus pais da mesma forma que Clym Yeobright, personagem protagonista de *O retorno do nativo* (1878), sexto romance de Thomas Hardy, citado por Raymond Williams (1989):

- Depois de tudo que se faz para lhe dar uma ajuda inicial, quando tudo que você precisa fazer é seguir em frente até ficar rico, você me diz que... Fico perturbada, Clym, ao saber que você voltou com essas ideias. [...] Jamais me passou pela cabeça que você pudesse querer andar para trás por livre e espontânea vontade. [...]
- Não posso fazer nada – disse Clym, num tom intranquilo.
- Por que você não pode... ter sucesso como os outros?
- Não sei, só sei que há muitas coisas a que as outras pessoas dão valor, e eu não dou. [...]
- E, no entanto, você bem que podia ter enriquecido se tivesse perseverado. [...] Pelo visto, você vai acabar como seu pai. Como ele, você está enjoando do sucesso.
- Mamãe, o que é o sucesso? (p. 276)

O fracasso de Baudelaire, de sua vida enquanto homem de mérito, conforme os valores burgueses, perante sua família, à primeira vista, foi total. No entanto, a meu ver, é preciso aprofundar a questão levando em conta o contexto que só pode adquirir sentido ao melhor cercar as mentalidades da época, a noção da individualidade nas relações de uma família burguesa do século XIX e suas aspirações para com seus membros.

Segundo Michelle Perrot (2009), Hegel é, talvez, o filósofo que mais aprofundou a disposição relativa do público e do privado, a partir de seu *Princípios da filosofia do direito* (1821), obra na qual analisa as relações entre as três instâncias fundamentais: o indivíduo, a sociedade civil e o Estado. Diz a pesquisadora francesa a partir da leitura do filósofo:

O indivíduo é o fundamento de direito, o qual só pode ser pessoal. O corpo define o eu que, para se objetivar, precisa da propriedade individual; o suicídio é a marca última da soberania do eu, assim como o erro é a marca última de sua responsabilidade. Mas o indivíduo está subordinado à família, que, com as corporações, é um dos “círculos” essências da sociedade civil. (2009, p. 80)

Subordinado à família cujas relações são comparadas às corporações como círculos essências da sociedade civil, eis a noção de individualidade

fragilizada, ou, ao menos, submetida a uma hierarquia, sob o domínio do coletivo na figura do pai de família. O filho é o centro das atenções, mas não como o entendemos hoje. É o centro das expectativas cuja realização se dará através de papéis bastante definidos e rígidos.

O filho, no século XIX, ocupa mais do que nunca o centro da família. É objeto de todos os tipos de investimento: afetivo, claro, mas também econômico, educativo, existencial. Como herdeiro, o filho é o futuro da família, sua imagem sonhada e projetada, sua forma de lutar contra o tempo e a morte.

Esse investimento, que se expressa na literatura cada vez mais prolixa sobre a infância, não visa necessariamente à criança em sua singularidade. Stendhal, em *Vie de Henry Brulard*, disse com muita clareza, a respeito de seu pai: “Ele não me amava como indivíduo, mas como filho que devia continuar a família”. O grupo prevalece sobre o indivíduo, e a noção de “interesse da criança” só vem a se desenvolver na França tardiamente. Por enquanto, de modo geral, essa noção abrange apenas os interesses mais altos da coletividade: a criança como “ser social”. (p. 134)

Como vimos, o filho é o futuro da família, e sua imagem sonhada e projetada: eis o horizonte de expectativas dos pais da burguesia francesa. Não obstante, a noção de criança como “ser social” vai além do círculo da família. “De fato, o filho não pertence apenas aos pais: ele é o futuro da nação e da raça, produtor, reprodutor, cidadão e soldado do amanhã.” (p. 134) Eis o horizonte de expectativas do Estado. O grupo prevalece sobre o indivíduo. O filho é herdeiro, produtor, reprodutor, soldado, dá continuidade ao bom nome da família e deve honrá-lo. A criança é vista como “ser social” que responde ao coletivo, antes de suas aspirações, desejos e projetos individuais.

Como então significar a liberdade do poeta das “Flores doentes” na família Baudelaire/Aupick, todos – mãe, padrasto, meio-irmão, cunhada e amigos da família – representantes desse círculo essencial que defendem seus valores?

É preciso adentrar os anseios, a esperança, o desejo, a inquietude da família para com o filho pródigo, a partir de sua vivência, da educação e valores que receberam. Nesse sentido, Koselleck (2006), a partir das categorias de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativas”, pode auxiliar para melhor apreender essa rede de relações, o peso de determinadas noções como família, honra e trabalho. A tese do filósofo alemão é a de que

[...] experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro. São adequadas também para se tentar descobrir o tempo histórico, pois enriquecidos em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político. (p. 308)

As duas categorias dirigem as ações concretas no movimento social e político. Eis o foco, as categorias em si e o que eles permitem apreender. Meu interesse não está numa análise do tempo histórico, diverso de uma divisão cronológica, mas no que as categorias possibilitam, em outras palavras, compreender o significado específico de noções e relações que já não significavam da mesma maneira um século depois de Baudelaire. As mentalidades eram outras. As noções eram outras. A família era outra.

Koselleck (2006) assim delinea as duas categorias:

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias. (p. 309-310) Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se

realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem. (p. 310)

Da mesma forma que a experiência é individual e também alheia, transmitida por gerações e instituições, e composta de formas inconscientes de comportamentos, a expectativa é pessoal e interpessoal.

O círculo Baudelaire/Aupick, em minha reflexão, é uma amostragem de valores, mentalidades, experiências e expectativas de uma típica família burguesa francesa do século XIX. Aos valores e sentidos “herdados” pelas gerações anteriores, racionais ou inconscientes, a mãe de Baudelaire e seu padrasto compartilhavam inclusive a experiência da orfandade. E como vimos, as expectativas pessoais se mesclam com expectativas interpessoais. A realização individual passa pelo desejo e anseios do círculo familiar. Nesse contexto, a liberdade de escolha profissional, ou até mesmo de estilo de vida – penso aqui na vida boêmia que o poeta levou – está fortemente submetida às forças das expectativas da família. Em carta de 1868 para o amigo do filho (BANDY, PICHOS, 1957, p. 55-58), Charles Asselineau, a mãe de Baudelaire afirma o seguinte:

... o senhor precisa saber que meu marido, o general Aupick, adorava Charles. Quando era criança, ele mesmo se ocupava muito de sua educação. Havia se deparado com uma tão bela inteligência, um espírito tão curioso, tão estudioso, que se surpreendia em último grau, que se afeiçoava dia após dia cada vez mais.

Quando chegaram os sucessos do colégio Louis-le-Grand, e uma vez os estudos terminados, fez pelo Charles sonhos dourados de um brilhante futuro: queria vê-lo alcançar uma alta posição social, o que não era irrealizável, sendo ele amigo do Duque de Orléans. Mas que estupefação para nós, quando Charles se recusou a tudo que queríamos fazer para ele, quando quis voar com suas próprias asas, e ser autor!

Que desencantamento em nossa vida doméstica tão feliz até então!
Que tristeza!³

Fica claro, no excerto acima, as expectativas da família para com Charles. Aupick e sua esposa fizeram por ele sonhos dourados de um brilhante futuro e queriam vê-lo alcançar uma alta posição social. No fundo, eis o horizonte de expectativa de uma família burguesa: a ascensão social e a honorabilidade. Embora haja manifestação de afeto, o filho é o futuro da família, é imagem sonhada e projetada do nome Baudelaire/Aupick levado às mais altas esferas da ascensão social. Como vimos com Stendhal, mais do que o indivíduo, o filho é o “ser social” que garantirá a continuação da família.

É bom lembrar que o círculo familiar é sagrado aos olhos do Estado que lhe garante leis para protegê-lo. O pai é efetivamente o chefe de família que pode – legalmente – quase tudo: enviar sua filha, considerada excêntrica, para o manicômio (vejam os casos de Camille Claudel e da filha de Victor Hugo) ou mandar prender ou retirar a autonomia financeira do filho, caso de Baudelaire. Daí o conselho familiar, para afastar o filho pródigo das más influências. Daí o conselho judicial e a tutela sob a vigília de Narcisse Ancelle. Em suma, as expectativas do futuro poeta se chocam, não apenas com os valores da família, mas com o horizonte de expectativas de toda uma classe social, senão do Estado.

Na famosa carta de 6 de maio de 1861 que Baudelaire (2003, p. 235-245) escreve à Senhora Aupick, sua mãe, último vínculo com o círculo familiar, para fazer um balanço do passado, sobre a questão de uma honorabilidade diversa:

³ ...il faut que vous sachiez que mon mari, le général Aupick, adorait Charles. Quand il était enfant, il s'était beaucoup occupé lui-même de son éducation. Il était tombé sur une si belle intelligence, un esprit si curieux, si studieux, qui l'étonnait au dernier point, qu'il s'y attachait de jour en jour davantage. Quand sont arrivés les succès de collège à Louis-le-Grand, et les études terminées, il a fait pour Charles des rêves dorés d'un brillant avenir: il voulait le voir arriver à une haute position sociale, ce qui n'était pas irréalisable, étant l'ami du duc d'Orléans. Mais quelle stupéfaction pour nous, quand Charles s'est refusé à tout ce qu'on voulait faire pour lui, a voulu voler de ses propres ailes, et être auteur! Quel désenchantement dans notre vie d'intérieur si heureuse jusque-là ! Quel chagrin!

[...] mas uma questão, entretanto, uma questão que sempre me obcecou: como é possível que essa ideia não tenha se apresentado em seu espírito: “É possível que meu filho jamais tenha, no mesmo grau que o meu, o mesmo espírito de conduta; mas seria possível também que se tornasse um homem notável em outros aspectos. Neste caso, o que faria? Eu o condenaria a uma dupla existência, contraditória, uma existência honrada, por um lado, detestável e desprezada por outro? Eu o condenarei a arrastar até sua velhice uma marca deplorável; uma marca que prejudica, um motivo de impotência e de tristeza?” É evidente que se esse Conselho judicial não tivesse ocorrido, tudo teria sido consumido. Teria sido então necessário conquistar o gosto pelo trabalho. O conselho judicial ocorreu, *tudo está consumido e estou velho e infeliz.*⁴

Mais adiante na mesma missiva:

Mais uma ideia falsa sua para retificar, que volta sem cessar sob sua pena. *Jamais entedio-me na solidão, jamais entedio-me ao seu lado. Sei apenas que sofrerei por causa de seus amigos. Eu consinto. Algumas vezes veio-me a ideia de convocar um conselho de família ou de apresentar-me perante um tribunal. Sabe que eu teria boas coisas a dizer, ao menos isso: eu produzi oito volumes em condições horríveis. Posso ganhar minha vida. Sou assassinado pelas dívidas de minha juventude?*⁵

⁴ [...] mais une question pourtant, une question qui m'a toujours obsédé: comment se fait-il que cette idée ne se soit pas présentée à ton esprit: “Il est possible que mon fils n'ait jamais, au même degré que moi, l'esprit de conduite; mais il serait possible aussi qu'il devînt un homme remarquable à d'autres égards. Dans ce cas-là, que ferai-je? Le condamnerai-je à une double existence, contradictoire, une existence honorée, d'un côté, odieuse et méprisée de l'autre? Le condamnerai-je à traîner jusqu'à sa vieillesse une marque déplorable; une marque qui nuit, une raison d'impuissance et de tristesse?” Il est évident que si ce Conseil judiciaire n'avait pas eu lieu, tout eût été mangé. Il eût bien fallu conquérir le goût du travail. Le conseil judiciaire a eu lieu, *tout est mangé et je suis vieux et malheureux.*

O itálico foi usado, na transcrição das cartas na edição da Gallimard, para dar destaque às palavras sublinhadas por Baudelaire nos autógrafos. Preservei essa escolha nas traduções.

⁵ Encore une idée fautive de toi à rectifier, qui revient sans cesse sous ta plume. Je ne m'ennuie jamais dans la solitude, je m'ennuie jamais auprès de toi. Je sais seulement que je souffrirai par tes amis. J'y consens.

Quelquefois l'idée m'est venue de convoquer un conseil de famille ou de me présenter devant un tribunal. Sais-tu bien que j'aurais de bonnes choses à dire, ne fût-ce que ceci: *j'ai produit huit volumes dans des conditions horribles. Je puis gagner ma vie. Je suis assassiné par les dettes de ma jeunesse?*

Destaquemos alguns trechos importantes nessa encenação do poeta, tal um drama. Ele imagina uma conversa entre eles e reveste a pele da mãe para, uma vez no seu lugar, elaborar perguntas que possibilitariam o diálogo, derrubariam a incompreensão que paira sobre eles. Baudelaire tenta debater aquilo mesmo que faz de uma pessoa um sujeito notável. Com essa encenação, quer afirmar que é “um homem notável em outros aspectos” e acaba condenado a “uma dupla existência, contraditória, uma existência honrada, por um lado, detestável e desprezada por outro”. Condenação que soa como uma verdadeira anátema, não o infortúnio, mas antes a marca invisível do choque de valores e de expectativas entre o filho e sua família.

No segundo excerto, assim como na correspondência, percebe-se que o vínculo que ainda resta com essa família, noção tão central naquela sociedade, é sua mãe. Se não se pode esquecer o peso do grupo sobre a liberdade individual, também não se pode negligenciar a importância da família para esse indivíduo que luta pela sua afirmação. Afinal, este também foi educado com os mesmos valores morais. Por mais que opte por contrariar parte dos anseios do círculo sagrado, de maneira contraditória, mantém-se apegado aos seus membros. Percebe-se claramente esse apego, no sentido do afeto e da lealdade, em várias oportunidades na vida do poeta: a importância que dá aos quadros do pai, péssimo pintor, mas que possuem valor moral, segundo Baudelaire (1973), a forma ainda com que deplora o falecimento do padrasto, do meio-irmão, assim como a lealdade que tem para com Jeanne, mesmo após não mais viverem juntos.

Não obstante, para o filho único que desonrou o nome dos Baudelaire – ao comparar a beleza que se esvai, não à efemeridade da rosa, como fez Ronsard no século XVI, mas a uma carniça na beira da estrada, ao viver com uma atriz negra com a qual não casou e não teve filhos e ao contrair dívidas (e sífilis) – sabe que sofreria junto à mãe por causa de seus amigos, como ele afirma na carta supracitada. Podemos acrescentar, nas mãos do padrasto, do padre e da família de Alphonse Baudelaire (meio-irmão). A porta da casa familiar está cerrada para Baudelaire. Não é bem-vindo. E até mesmo seu nome chega a ser proibido na casa de Alphonse,

sobretudo para sua esposa, Félicité Baudelaire. Resta-lhe encontrar sua mãe no museu do Louvre, lugar público de seu interesse, respeitável e aquecido.

Outro exemplo da importância do grupo sobre as escolhas individuais é colocada na carta enviada à mãe em 30 de dezembro de 1857 (BAUDELAIRE, 1973, p. 437-440). Nela, o poeta queixa-se de um convite da mãe para visitá-la em Honfleur porque o convite estava condicionado ao fato do Senhor Émon, amigo de Aupick, estar ausente.

No dia seguinte da morte de meu padrasto, dizia-me que eu a desonrava e você me proibia (antes que tivesse pensado em pedir-lhe algo a respeito) de jamais projetar viver junto a você. Em seguida, obriga-me a fazer humilhantes sinais de amizade ao Sr. Émon. Faça-me justiça, minha cara mãe, por eu suportar isso tudo com a humildade e a doçura que me exigia sua lamentável situação. – Mais tarde, após ter escrito cartas nas quais somente se encontrava repreensões e amargor, depois de ter censurado esse maldito livro, que, afinal de contas, não é senão uma obra de arte muito defensável, convidou-me a visitá-la, fazendo-me entender que a ausência do Sr. Émon me permitia a estada em Honfleur, como se o Sr. Émon tivesse qualidade para fechar ou abrir a porta de minha mãe para mim, [...]⁶

A Senhora Aupick fica dilacerada entre a pressão do círculo familiar e o afeto que tem pelo filho único. Mais ainda, acompanha e reconhece a carreira literária do filho. Naquela mesma carta endereçada a Asselineau em 1868, a mãe afirma: “Se Charles tivesse se deixado guiar pelo seu padrasto, sua carreira teria sido bem diferente. Não teria deixado um

⁶ Le lendemain de la mort de mon beau-père, vous me disiez que je vous déshonorais, et vous me défendiez (avant que j'eusse songé à vous faire une demande à ce sujet) de jamais projeter de vivre auprès de vous. Puis, vous me contraigniez à faire d'humiliantes avances d'amitié à M. Émon. Rendez-moi cette justice, ma chère mère, que j'ai supporté cela avec l'humilité et la douceur que me commandait votre lamentable situation. – Mais plus tard, quando après écrits des lettres où il n'y avait que gronderie et amertume, après m'avoir reproché ce maudit livre, qui après tout n'est qu'une oeuvre d'art fort défendable, vous m'avez invité à vous venir voir, en me faisant comprendre que l'absence de M. Émon me permettait le séjour de Honfleur, comme si M. Émon avait qualité pour me fermer ou pour m'ouvrir la porte de ma mère, [...].

nome na literatura, é verdade, mas nós teríamos sido os três mais felizes.”⁷ (BANDY, PICHOS, 1957, p. 58).

Assim, mesmo se aos olhos da família, e de boa parte da sociedade francesa, Baudelaire foi um fracassado, a Senhora Aupick está ciente de suas conquistas literárias, sucesso *diverso*, por não se situar no horizonte de expectativas de sua classe: sucesso que se situa no “ainda-não”, que pode apenas ser previsto, frente a uma obra tão questionada pelo abalo que a poesia e as ideias de Baudelaire produziram.

O SUCESSO DE UMA OBRA

Fracasso material de uma vida. Obra fecundada em uma existência de privações, de mudanças, de fugas de credores, de negociações com sua mãe, com Narcisse Ancelle para obter dinheiro, de crises de sua doença que vão se agravando, escrevendo sem biblioteca pessoal, ou ainda, enfrentando inúmeras brigas com os editores. Em suma, faltava-lhe as condições para ser um autor de sucesso e realizar todos seus projetos de poesias, romances e dramas. Trabalhar continuamente, como Balzac, para produzir uma extensa obra: sonho de Baudelaire. Não obstante, apesar do fracasso de inúmeros projetos, nessa existência caótica, consequência dos atos e escolhas do poeta e da incompreensão da família, Baudelaire gravou o seu nome na história da literatura mundial muito além do que poderia imaginar. Proponho aqui tratar desse sucesso a partir das expectativas do autor e da recepção da obra.

É possível separar vida e obra tendo em vista a existência que o poeta, ou homem de letras, levou? Quais eram as expectativas de Baudelaire em relação à sua obra? E seus anseios no que diz respeito à recepção de sua obra?

– Você sabe que jamais considere a literatura e as artes senão como perseguindo um objetivo estrangeiro à moral e que a beleza de con-

⁷ “Si Charles s’était laissé guider par son beau-père, sa carrière eût été bien différente. Il n’aurait pas laissé un nom dans la littérature, il est vrai, mais nous aurions été tous trois plus heureux.”

cepção e de estilo me bastam. Mas esse livro, cujo título: *Flores do Mal*, – diz tudo, é revestido, você verá, de uma beleza sinistra e fria; foi escrito com furor e paciência. Aliás, a prova de seu valor positivo está em todo o mal que se diz dele. O livro leva as pessoas ao furor. Além disso, aterrorizado com o horror que iria inspirar, eu mesmo suprimi um terço nas provas. – Recusam-me tudo, o espírito de invenção e até o conhecimento da língua francesa. Pouco me importo com todos esses imbecis e sei que esse volume, com suas qualidades e defeitos, percorrerá seu caminho na memória do público letrado, ao lado das melhores poesias de V. Hugo, de Th. Gautier e até de Byron. – Uma única recomendação: já que vive com a família Émon, não deixe o volume cair nas mãos da Srta. Émon. Quanto ao padre, que sem dúvida você recebe, pode mostrar-lhe o livro. Ele pensará que estou danado e não ousará lhe dizer⁸. –

O excerto acima é de uma carta enviada à Senhora Aupick (BAUDELAIRE, 2003, p. 132), em 9 de julho de 1857, ou seja, menos de um mês após a publicação das *Flores do Mal* que ocorrera em 25 de junho. A consciência que Baudelaire possui de seu próprio valor enquanto poeta impressiona, ainda mais se observamos as violentas críticas que recebeu (quando não difamatórias!).

A contradição que se depreende, a meu ver, é o profundo conhecimento de onde e como os autores publicam em sua época e sua concepção da literatura. Baudelaire sabe como ganhar dinheiro, no papel, ao pé da letra e de forma figurada, pois sabe muito bem

⁸ – Vous savez que je n'ai jamais considéré la littérature et les arts que comme poursuivant un but étranger à la morale, et que la beauté de conception et de style me suffit. Mais ce livre, dont le titre: *Fleurs du Mal*, – dit tout, est revêtu, vous le verrez, d'une beauté sinistre et froide; il a été fait avec fureur et patience. D'ailleurs, la preuve de sa valeur positive est dans tout le mal qu'on en dit. Le livre met les gens en fureur. – Du reste, épouvanté moi-même de l'horreur que j'allais inspirer, j'en ai retranché un tiers aux épreuves. – On me refuse tout, l'esprit d'invention et même la connaissance de la langue française. Je me moque de tous ces imbéciles, et je sais que ce volume, avec ses qualités et ses défauts, fera son chemin dans la mémoire du public lettré, à côté des meilleures poésies de V. Hugo, de Th. Gautier et même de Byron. – Une seule recommandation: puisque vous vivez avec la famille Émon, ne laissez pas le volume traîner dans les mains de Mlle Émon. Quant au curé, que sans doute vous recevez, vous pouvez le lui montrer. Il pensera que je suis damné, et n'osera pas vous le dire. –

como trabalham as editoras, como funcionam os jornais, quanto valem uma linha publicada e um romance. Não obstante, numa contradição bem baudelaireana, não pode abrir mão de seus ideais estéticos: “jamais considere a literatura e as artes senão como perseguindo um objetivo estrangeiro à moral e que a beleza de concepção e de estilo me bastam”. Baudelaire não escreve para atender aos interesses de um público ou aos modismos. Não escreve para leitores de determinado jornal. Não compõe folhetins. Não serve à demanda do mercado editorial. Baudelaire também procura certa *singularidade literária* em um tempo em que paira o vulto de Victor Hugo, o “pai de todos”, cuja influência sombreia o mundo literário, como bem analisa Mallarmé em seu “Crise de verso” (1897). Théodore de Banville (2018) fez essa mesma observação, em seu “Elogio fúnebre” (1867), durante o velório do amigo, quando destaca a originalidade de Baudelaire em relação a Hugo:

Um poeta original havia nascido, e que se quisesse amá-lo ou odiá-lo, era preciso se conformar. Original pela forma, sem dúvida! Ainda bem mais original pelo próprio fundo de sua inspiração, pois as ideias e os sentimentos que ele vinha nos traduzir eram justamente aqueles que o admirável poeta das *Contemplations* havia voluntariamente deixado no esquecimento.

Continuando, mesmo que inovador, a tradição antiga, Victor Hugo sempre transfigurou o homem e a natureza à imagem de certo ideal desejado; ao contrário, Baudelaire, como Balzac, como Daumier, como Eugène Delacroix, aceitou o homem moderno em sua totalidade, com suas falhas, sua graça doentia, suas aspirações impotentes, seus triunfos mesclados de tantos desânimos e tantas lágrimas! Os becos da alma que fora conveniente e clássico deixar na sombra, a hipocrisia de uma raça fraca e diminuída, a impotência para amar e odiar, o desejo para com uma crença que não pode ver a luz, o inconsolável lamento de termos, para nós mesmos, tolhido os céus, todos aqueles sofrimentos, todo aquele vazio, todas aquelas agonias, ele as pintou com traços indelévels, e, verdadeiro poeta romântico (ele mesmo havia dado essa excelente definição do romantismo: a expressão mais recente da beleza), representou com charme voluptuoso do qual é dotado um grande

artista, o que nos resta da beleza, ou seja, uma sombra doentia, moribunda, adorável no entanto, que foge exalando uma queixa harmoniosa e desolada. (p. 186-187)

Aos leitores, inclusive os editores, cabe lidar com essas imagens – sem hipocrisia e sem moralismo – sobre as impotências, a decadência, as agonias e as sombras doentias dos homens de seu tempo. As artes e a literatura devem permanecer estrangeiras à moral burguesa, não devem ter por objetivo algum ensinamento ou um *progresso* da humanidade. Baudelaire transforma lama em ouro, pinta o homem (ou mulher) como ele é: sem desviar os olhos, sem procurar levá-lo a um ideal desejado.

Outros comentários reforçam as expectativas positivas e inquietudes do poeta para com sua obra. Numa carta (1973, p. 97) de 11 de outubro de 1860 para sua mãe: “Todos meus tratados literários estão em ordem, e estou convencido de que o dia virá *em que tudo que fiz venderá muito bem.*”⁹

Numa outra de 29 de março de 1861 (1973, p. 138): “Não é por tola vaidade literária que te peço se recebeu um número da *Revue contemporaine* contendo versos meus. É porque nada deve ser perdido. Quem sabe se não ficarás um dia feliz de recolher tudo que fiz?”¹⁰

Na famosa carta à sua mãe, de 6 de maio de 1861, Baudelaire (2003, p. 238) afirma o seguinte:

Minha situação é atroz. Há pessoas que me cumprimentam, há pessoas que me cortejam, talvez alguns me invejem. Minha situação literária é mais do que boa. Posso fazer o que quiser. Tudo será impresso. Como tenho um tipo de espírito impopular, ganharei pouco dinheiro, mas deixarei uma grande celebridade, sei disso, – tomara que eu tenha a coragem de viver. Mas minha saúde espiritual; detestável; – perdida

⁹ Tous mes traités littéraires sont en ordre, et je suis convaincu qu'un jour viendra où tout ce que j'ai fait se vendra très bien.

¹⁰ Ce n'est pas par sottise vanité littéraire que je te demande si tu as reçu un numéro de la *Revue contemporaine* contenant des vers de moi. C'est parce que rien ne doit être perdu. Qui sait si tu ne seras pas un jour heureuse de ramasser tout ce que j'ai fait?

talvez. Ainda tenho projetos: *Meu coração desnudado*, romances, dois dramas, dos quais um para o Théâtre- Français, tudo isso jamais será feito? *Não o creio mais*. Minha situação relativamente à honorabilidade, pavorosa, – eis o grande mal. Nenhum repouso. Insultos, ultrajes, avanias das quais você não faz a menor ideia, e que corrompem a imaginação, que a paralisam.¹¹

Em outra de 11 de fevereiro de 1865 (2003, p. 320), pouco mais de dois anos antes da morte do poeta:

Estou convencido, – acharás talvez meu orgulho grande demais, – que, por mais que deixe poucas obras, as vendas serão muito boas após minha morte.

Quanto aos direitos autorais, a menos que eu desapareça antes de ti, não haverá ninguém para recebê-los. Será um bom negócio para os livreiros.¹²

Outros dois trechos de uma carta enviada à mãe em 11 de outubro de 1860 são pertinentes para ilustrar a discussão sobre as expectativas de Baudelaire (1973, p. 98) para com sua obra, sua relação com o público e quanto compartilhou seus projetos com a Senhora Aupick.

Meu sonho, bem sabes, é de fundir *qualidades literárias* com a *encenação tumultuosa* do bulevar.

¹¹ Ma situation est atroce. Il y a des gens qui me saluent, il y a des gens qui me font la cour, il y en a peut-être qui m'envient. Ma situation littéraire est plus que bonne. Je puis faire ce que je voudrai. Tout sera imprimé. Comme j'ai un genre d'esprit impopulaire, je gagnerai peu d'argent, mais je laisserai une grande célébrité, je le sais, – pourvu que j'aie le courage de vivre. Mais ma santé spirituelle; détestable; – perdue peut-être. J'ai encore des projets: *Mon cœur mis à nu*, *des romans*, deux *dramas*, dont un pour le Théâtre- Français, tout cela sera-t-il jamais fait? *Je ne le crois plus*. Ma situation relative à l'honorabilité, épouvantable, – c'est là le grand mal. Jamais de repos. Des insultes, des outrages, des avanies dont tu ne peux pas avoir l'idée, et qui corrompent l'imagination, la paralysent.

¹² Je suis convaincu, – tu trouveras peut-être mon orgueil bien grand, – que, si peu d'ouvrages que je laisse, ils se vendront fort bien après ma mort. Quant aux droits d'auteur, à moins que je ne disparaisse avant toi, il n'y aura personne pour les toucher. Ce sera une bonne affaire pour les libraires.)

– *As Flores do mal* estão sendo impressas. Terrível negócio. É um livro que venderá sempre, a menos que a justiça se interponha novamente. Estão aumentadas de trinta e quatro peças, das quais quase todas passaram sob teus olhos. O restante será publicado no *L'Artiste*. – Mas estou muito perplexo. Tem um prefácio em prosa de uma violenta bufonaria. Hesito em publicá-lo e, no entanto, jamais me saciarei de insultar a França.¹³

Tanto aqui quanto nos excertos anteriores, a expectativa das boas vendas de suas obras e de sua celebridade é afirmada com bastante clareza e consciência: “estou convencido de que o dia virá *em que tudo que fiz venderá muito bem*”; “ganharei pouco dinheiro, mas deixarei uma grande celebridade, sei disso”; “É um livro que venderá sempre”; “Será um bom negócio para os livreiros”. A essa visão positiva, opõem-se as angústias da possível não realização de vários projetos: *Meu coração desnudado*, romances, dois dramas. De fato, projetos que jamais serão concretizados. Mas o que mais atrai o olhar nesses comentários, é a consciência de uma celebridade conturbada.

Outra questão importante é sua relação com os leitores que, como ele disse acima, jamais cansa de insultar. A rigor, pouco importam os leitores, o público em geral: Baudelaire

não acredita na opinião da maioria. Vejamos sua dedicatória “Ópio e Haxixe” (1860), em *Os paraísos artificiais*:

Aliás, importa pouco que a razão desta dedicatória seja compreendida. Será mesmo necessário, para o contentamento do autor, que um livro qualquer seja compreendido, exceto por aquele ou aquela para quem foi composto? Dizendo enfim tudo, é indispensável que seja escrito

¹³ Mon rêve, tu le sais, est de fondre des *qualités littéraires* avec la *mise en scène tumultueuse* du boulevard.

– *Les Fleurs du mal* sont sous presse. Terrible affaire. C'est un livre qui se vendra toujours, à moins que la justice ne s'en mêle de nouveau. Elles sont augmentées de trente-quatre morceaux nouveaux, dont presque tous ont passé sous tes yeux. Le reste paraîtra à *L'Artiste*. – Mais je suis très perplexé. Il y a une préface en prose, d'une violente bouffonnerie. J'hésite à l'imprimer, et cependant je ne me rassasierai jamais d'insulter la France.

para alguém? Por mim, tenho tão pouco gosto pelo mundo vivo, que, como essas mulheres sensíveis e ociosas que, segundo dizem, enviam pelo correio as suas confidências a amigos imaginários, eu de bom grado escreveria apenas para os mortos.¹⁴ (1995, p. 367)

O poeta escreveria apenas para os mortos, ou apenas para aqueles para quem a obra foi composta. Essa relação conflituosa entre o autor e os leitores também é expressa no poema em prosa “O cão e o frasco” (2018, p. 24) no qual o narrador afirma que o público aprecia apenas detritos cuidadosamente escolhidos, comparando-os ao cão que recua de horror perante o melhor perfume.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sucesso de uma vida. O sucesso de uma obra. Eis o que desponta se observarmos a existência do poeta sob outra ótica, menos voltada para a lógica material. Para além de nosso olhar contaminado pelo valor que atribuímos a palavras como sucesso e fracasso, é preciso entender o verdadeiro significado de noções como família, trabalho e honra na sociedade burguesa da época. O sucesso da vida e da obra de Charles Baudelaire pouco tem a ver com a ascensão de classe, com um cargo elevado, com as dívidas, com uma profissão respeitada pela maioria. O poeta coloca seu projeto pessoal – ser autor –, em primeiro plano, contrariando violentamente o horizonte de expectativas de toda uma classe social, e até mesmo de um Estado, que colocam os interesses do grupo acima do indivíduo, para quem todo sujeito é um “ser social” antes de mais nada. Não obstante, Baudelaire não escapa de seu espaço de experiência e compartilha alguns dos mesmos valores que sua família. Questões como a honorabilidade, o valor da noção de família e seu impacto – consciente ou inconsciente – nos gestos e decisões do poeta mereceriam um olhar mais atento, sob uma perspectiva histórica de estudo das mentalidades. O que o gesto da candidatura à Academia representaria nesse caso? Da

¹⁴ Tradução de José Saramago.

mesma forma, para “mensurar” o grau de liberdade de um indivíduo do século XIX, pensando aqui nas colocações de Sartre e Blanchot, é preciso antes apreender o grau de individualidade desse sujeito numa sociedade que defende o círculo sagrado da família acima de tudo. Nesse sentido, até que ponto Baudelaire recuou perante a possibilidade de liberdade? Até que ponto se submeteu? Até que ponto era efetivamente livre?

Em carta a Jules Troubat (2003, p. 381), secretário de Sainte-Beuve, de 05 de março de 1866, uma de suas últimas missivas, o autor agradece pelo envio de dois números do jornal *L'Art* no qual se depara com um artigo sobre ele. Ele se assusta: “Certamente, não falta talento a esses jovens, mas quantas loucuras! quantas inexatidões! Quanto exagero! Quanta falta de precisão! Para dizer a verdade, eles me dão um medo do cão. Não gosto nada tanto quanto estar sozinho.”¹⁵

Trata-se aqui de um estudo do poeta Paul Verlaine sobre Baudelaire, publicado nos números de 16 e 30 de novembro e 23 de dezembro de 1865. No mesmo dia, escreveu para sua mãe (1973, p. 625), para quem enviou os dois números. E comenta:

Há talento nesses jovens; mas quanta loucura! Quanta inexatidão! Quanto exagero e fatuidade de juventude! Surpreendia, há alguns anos, aqui e acolá, imitações e tendências que me alarmavam. Não conheço nada tão comprometedor quanto os imitadores e não gosto nada tanto quanto estar sozinho. Mas não é possível; e parece que *a escola Baudelaire* existe.¹⁶

Os excertos acima revelam que Baudelaire já havia surpreendido, “aqui e acolá, imitações e tendências”. Mais ainda, diz que uma *escola*

¹⁵ Ces jeunes gens ne manquent pas de talent, mais que de folies ! que d'inexactitudes ! quelles exagérations ! Quel manque de précision ! Pour dire la vérité, ils me font une peur de chien. Je n'aime rien tant que d'être seul.

¹⁶ Il y a du talent chez ces jeunes gens; mais que de folies ! que d'inexactitudes! quelles exagérations et quelle infatuation de jeunesse ! Depuis quelques années je surprénais, çà et là, des imitations et de tendances qui m'alarmaient. Je ne connais rien de plus compromettant que les imitateurs et je n'aime rien tant que d'être seul. Mais ce n'est pas possible; et il paraît que *l'école Baudelaire* existe.

Baudelaire existe. Assim, o poeta das *Flores* já tinha um público e leitores, tais como Paul Verlaine e Armand Fraisse, por exemplo. Quando da morte do autor, após 17 meses de sofrimento, lúcido e possuindo plenamente suas capacidades intelectivas, mas preso a um corpo que não mais se exprime, já é autor reconhecido, inclusive por sua mãe. Pouco depois, sua poesia passará as fronteiras da França – situação rara para a poesia francesa, como bem lembra Paul Valéry (2002, p. 230) – através de traduções ou da leitura direta em francês, caso do Brasil já na década de 1870. Baudelaire torna-se um dos mais importantes poetas da literatura mundial.

Numa carta que endereçou à sua mãe no verão de 1844 (1973, p. 108), uma declaração pungente ecoa ainda até nós: “para minha infelicidade, não sou feito como os outros homens.” Para nossa sorte, não foi feito como os outros homens e “é preciso ler Baudelaire” (2006, p. 68), como disse Drummond. Ele resistiu aos ataques de parte da crítica, às instituições e à justiça francesa. Antoine Compagnon (2011) diz que Proust é o clássico porque sobreviveu aos seus inimigos e rivais e tornou-se incontornável, o que poderia ser facilmente aplicado a Baudelaire que, como muitos autores (parcialmente) contestados em seu tempo, precisou criar seu público – e não escrever *para* um público – a fim de se tornar clássico.

Em suma, para além de uma possível liberdade, seja qual for, questiono a própria noção de fracasso atribuído a sua vida. Fracasso de um ponto de vista material? De uma vida plena e “feliz”? Certamente. Não obstante, a meu ver, Baudelaire atingiu, sem que tivesse plena consciência disso, parte de suas expectativas, pois sabia do valor de sua obra e que deixaria um nome na literatura francesa. Sua existência, portanto, foi um sucesso se elegermos outros critérios. Baudelaire foi “um homem notável em outros aspectos”. Concretizou em vida aquilo pelo qual viveu e dedicou todas suas forças: tornar-se poeta. E esta vida está profundamente imbricada no papel do homem de letras, do crítico, do jornalista, do intelectual. É conduzida voluntariamente em direção à poesia e à arte, à produção de uma obra poética. A existência de Baudelaire está voltada para o ser-poeta.

Mas, em vida, sua obra ainda não é acontecimento. É o “ainda-não” do acontecimento literário, que, em seus vários momentos e datas, está se constituindo. Um exemplo seria a publicação de *As flores do mal* em 1857 e 1861, para a primeira e a segunda edição respectivamente. Na verdade, o poeta relutou em publicar seus poemas em um volume, livro que tomará corpo apenas 10 anos antes de sua morte. Portanto, a obra como acontecimento se inicia com os primeiros poemas lidos aos amigos ou publicados em jornais. É preciso entender a situação da obra baudelaireana como um acontecimento que se constitui em seu passado, presente e futuro. É nessa perspectiva que o tempo histórico se evidencia: o acontecimento não ocorre num único dia – o tempo da publicação –, tampouco num recorte puramente cronológico, mas numa tensão entre tempos que significam a obra enquanto acontecimento. O futuro de Baudelaire já desponta e desposa o seu presente. As linhas que escreveu tangenciam a linha de um horizonte de expectativas pessoais. O imenso sucesso que será no futuro a obra de Baudelaire, já margeia seu presente (e seu passado), e vai aflorando e se desenhando num constante crescendo, numa vida singular dedicada à literatura.

“I WOULD GLADLY WRITE ONLY FOR THE DEAD”: SUCCESS AND RECEPTION IN BAUDELAIRE

ABSTRACT

This article seeks to approach the themes of success and reception of and in Charles Baudelaire’s work. Concerning reception, it is about the author’s perspective, his expectations regarding his work and the reader of the nineteenth century. On success, my starting point is Maurice Blanchot’s essay “L’échec de Baudelaire”, published in the book *La part du feu* (1949). In this sense, the German historian Reinhart Koselleck’s concept of the “horizon of expectations” ([1979] 2006) helps me glimpse at possible paths of research on the notion of success from correspondence – especially letters to the mother – and the author’s work. Baudelaire’s life was a failure for whom? For whom does the poet write?

What are his expectations and apprehensions about his work? After all, what is success? Thus, what this reflection seeks to highlight are the debates around what would be a successful life and the poet's expectations regarding his work, the readers and the permanence of his name in French literature.

KEYWORDS: Baudelaire; Success; Reception; Correspondence.

“CON MUCHO GUSTO ESCRIBIRÍA SOLO POR LOS MUERTOS”: ÉXITO Y RECEPCIÓN EN BAUDELAIRE.

RESUMEN

Este artículo busca abordar los temas del éxito y la recepción en la obra de Charles Baudelaire. Se trata, en lo referente a la recepción, desde el punto de vista del autor, de sus expectativas con respecto a su obra y al lector del siglo XIX. En cuanto al éxito, mi punto de partida es el ensayo de Maurice Blanchot “L'échec de Baudelaire” [El fracaso de Baudelaire], publicado en el libro *La part du feu* (1949) [La parte del fuego]. En ese sentido, el concepto del “horizonte de expectativas” del historiador alemán Reinhart Koselleck ([1979] 2006) me impulsa a vislumbrar posibles caminos de investigación sobre la noción de éxito a partir de la correspondencia, especialmente las cartas a la madre, y de la obra del autor. ¿La vida de Baudelaire fue un fracaso para quién? ¿A quién el poeta escribe? ¿Cuáles son sus expectativas y preocupaciones con relación a su obra? Por fin, ¿qué es el éxito? Por lo tanto, lo que esta reflexión busca destacar son los debates sobre lo que sería una vida exitosa y las expectativas del poeta con respecto a su obra, a los lectores y a la perpetuidad de su nombre en la literatura francesa.

PALABRAS CLAVE: Baudelaire; Éxito; Recepción; Correspondencia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poema da necessidade. In: _____. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

BLANCHOT, Maurice. *La part du feu*. Paris: Gallimard, 2003.

BANDY, William Thomas & PICHOS, Claude (Org.). *Baudelaire devant ses contemporains*. Paris: Éditions du Rocher, 1957.

BANVILLE, Théodore de. Elogio fúnebre. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 38, n. esp. Baudelaire 150 anos, p. 184-188, ago./dez., 2018.

BAUDELAIRE, Charles. *Correspondance I, II: 1832-1860/1860-1866*. Paris: Gallimard, 1973.

_____. *Correspondance*. Choix et présentation de Claude Pichois et Jérôme Thélot. Paris: Gallimard, 2003.

_____. *Poesia e prosa: volume único; Charles Baudelaire*. Organização Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

_____. *Pequenos poemas em prosa: o Spleen de Paris*. Prefácio de Marcelo Jacques de Moraes. Tradução e notas de Isadora Petry e Eduardo Veras. São Paulo: Via Leitura, 2018.

COMPAGNON, Antoine. *Le classique*. 2011. Disponível em: <https://www.college-de-france.fr/site/antoine-compagnon/articles_en_ligne.htm>. Acesso em: 26 maio 2019.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

PERROT, Michelle (Org.) *História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Tradução Denise Bottmann, Bernardo Joffily São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VALÉRY, Paul. Situation de Baudelaire. In: _____. *Variété I et II*. Paris: Gallimard, 2002.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na História e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Submetido em 12 de maio de 2019

Aceito em 23 de julho de 2019

Publicado em 15 de outubro de 2019
